

VOL I

# POR PALAVRAS E GESTOS A ARTE DA LINGUAGEM

Mauriceia Silva de Paula Vieira  
Patrícia Vasconcelos Almeida  
(Organizadoras)



EDITORA  
ARTEMIS  
2020

VOLI

# POR PALAVRAS E GESTOS

## A ARTE DA LINGUAGEM

Mauriceia Silva de Paula Vieira  
Patrícia Vasconcelos Almeida  
(Organizadoras)



EDITORA  
ARTEMIS  
2020

2020 by Editora Artemis  
Copyright © Editora Artemis  
Copyright do Texto © 2020 Os autores  
Copyright da Edição © 2020 Editora Artemis  
**Edição de Arte:** Bruna Bejarano  
**Diagramação:** Helber Pagani de Souza  
**Revisão:** Os autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*.  
Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

**Editora Chefe:**

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Antonella Carvalho de Oliveira

**Organizador:**

Wilson Noé Garcés Aguilar

**Bibliotecário:**

Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

**Conselho Editorial:**

Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, University of Miami and Miami Dade College - USA  
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros  
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín - Colômbia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo

Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista (UNESP)  
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia  
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras  
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense  
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras  
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia  
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, Corporación Universitaria Autónoma del Cauca - Colômbia

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

P832 Por palavras e gestos [recurso eletrônico] : a arte da linguagem vol I /  
Organizadoras Mauriceia Silva de Paula Vieira, Patricia  
Vasconcelos Almeida. – Curitiba, PR: Artemis, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-87396-10-1

DOI 10.37572/EdArt\_101310720

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Vieira, Mauriceia Silva de  
Paula. II. Almeida, Patricia

CDD 469

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

## APRESENTAÇÃO

A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1999, p.113).

A língua/linguagem, em sua essência, é constitutiva da espécie humana, uma vez que o homem - um ser de linguagem – constrói-se como sujeito por meio da relação dialética que estabelece com seus pares. Nessa relação, a palavra institui-se como ponte entre o “eu e o “outro”. Os fios discursivos, os diferentes modos de dizer e as múltiplas linguagens que se entrecruzam, se complementam e se orquestram.

Em uma sociedade cada vez mais plural e multicultural essas diferentes linguagens reverberam um modo de significar a realidade e expressam não só subjetividades, mas também identidades sociais e culturais. A presença de tecnologias variadas, mediando as interações e trazendo novas nuances para a produção, a difusão e a circulação do saber, requer um olhar cuidadoso sobre as práticas de leitura, de escrita e de oralidade, sobre os letramentos e sobre o ser humano e o conhecimento. Coloca, ainda, como imperativa a formação crítica do sujeito para atuar na contemporaneidade.

Nesse viés, o texto e o discurso, em suas diferentes abordagens epistemológicas, transcendem a primazia dada ao verbal e constituem-se como espaços de reexistência, e porque não de resistência e de batalhas? Assim, as várias vozes que se fazem presentes neste primeiro volume do livro *Por palavras e gestos: A Arte da Linguagem* brindam o leitor com pesquisas que discutem temas relevantes para os estudiosos da área que buscam a compreensão sobre intrincadas questões presentes na contemporaneidade. E, convidam o leitor ao diálogo.

Mauriceia Silva de Paula Vieira  
Patricia Vasconcelos Almeida

## SUMÁRIO

### LETRAMENTOS E LITERATURA

#### **CAPÍTULO 1 ..... 1**

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: LENDO E ESCRREVENDO NO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA UNIDADE INTEGRADA WOLNEY MILHOMEM – CAIC

Ana Patrícia Sampaio Pereira  
Geirlane Fontineles da Silva Martins  
Vanessa Gonçalves Candido Rodrigues

**DOI 10.37572/EdArt\_1013107201**

#### **CAPÍTULO 2 ..... 13**

LETRAMENTOS DE REEXISTÊNCIA NA PERIFERIA DE FORTALEZA: UM ESTUDO SOBRE MEDIAÇÃO DE LEITURAS NO PROGRAMA VIVA A PALAVRA

Vanusa Benício Lopes  
Claudiana Nogueira de Alencar

**DOI 10.37572/EdArt\_1013107202**

#### **CAPÍTULO 3 ..... 24**

VOZES DE OUTRO GOLPE

Laís Vidal de Negreiros Batista  
José Edilson de Amorim

**DOI 10.37572/EdArt\_1013107203**

#### **CAPÍTULO 4 ..... 39**

OUTRO TRAJETO DA NARRATIVA OPERÍSTICA

Gandhia Vargas Brandão

**DOI 10.37572/EdArt\_1013107204**

#### **CAPÍTULO 5 ..... 49**

IMAGEM E ESTÉTICA: A HEGEMONIA HOLLYWOODIANA E SUAS FORMAS DE RESISTÊNCIA

Johanna Gondar Hildenbrand  
Francisco Ramos de Farias

**DOI 10.37572/EdArt\_1013107205**

#### **CAPÍTULO 6 ..... 60**

GOTA D'ÁGUA: TESSITURAS DIALÓGICAS COM O MITO DE EURÍPEDES

Amanda Ramalho de Freitas Brito

**DOI 10.37572/EdArt\_1013107206**

### PRODUÇÃO ESCRITA

#### **CAPÍTULO 7 ..... 70**

ANÁLISE DE PRODUÇÕES: UM ESTUDO DA ESTILÍSTICA LÉXICA

Diná Tereza de Brito  
Suellen Arcanjo de Godoy

**DOI 10.37572/EdArt\_1013107207**

**CAPÍTULO 8 ..... 82**

O LUGAR DA ORALIDADE E DA ESCRITA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: ENCAMINHAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Manoel Cândido Nogueira

Jocilene Mateus Amâncio

Maria de Fátima Araújo Silva

**DOI 10.37572/EdArt\_1013107208**

**CAPÍTULO 9 ..... 92**

O JOGO CAMALEÔNICO DO ANÚNCIO PUBLICITÁRIO: IMPACTOS DAS TECNOLOGIAS NA PRODUÇÃO, CIRCULAÇÃO E RECEPÇÃO DO GÊNERO

Paula Silva Abreu

Mauriceia Silva de Paula Vieira

**DOI 10.37572/EdArt\_1013107209**

**O DISCURSO SOB MÚLTIPLOS OLHARES**

**CAPÍTULO 10 ..... 106**

O DISCURSO NARRATIVO COMO RECURSO PARA OS SUJEITOS-ESTUDANTES DOS ANOS INICIAIS EXPRESSAREM SUA SUBJETIVIDADE

Josiane Aparecida de Paula Bartholomeu

Filomena Elaine Paiva Assolini

**DOI 10.37572/EdArt\_10131072010**

**CAPÍTULO 11 ..... 119**

O DISCURSO DA COMUNIDADE SURDA EM REDES SOCIAIS COMO FERRAMENTA PARA A PRÁTICA DE ENSINO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA EM CLASSES INCLUSIVAS

Flávia Pieretti Cardoso

**DOI 10.37572/EdArt\_10131072011**

**CAPÍTULO 12 ..... 131**

INCLUSÃO ESCOLAR DO ALUNO SURDO: ALGUNS SENTIDOS POSSÍVEIS

Lisiane Flores de Oliveira Strumiello

**DOI 10.37572/EdArt\_10131072012**

**CAPÍTULO 13 ..... 139**

O DISCURSO TRANSFEMINISTA E O ABALO DAS EVIDÊNCIAS DO SEXO: REUNINDO REFLEXÕES A RESPEITO DA CISGENERIDADE

Beatriz Pagliarini Bagagli

**DOI 10.37572/EdArt\_10131072013**

**CAPÍTULO 14 ..... 152**

SOBRE FALA, ESCUTA E ETIQUETA – ENCONTRO E DESENCONTROS COM MULHERES INDÍGENAS

Ivânia Maria Carneiro Vieira

**DOI 10.37572/EdArt\_10131072014**

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>164</b>
BIBLIOTECAS DIGITAIS, DIREITOS AUTORAIS E O COMPARTILHAMENTO DE MATERIAIS (NÃO) AUTORIZADOS NO ESPAÇO DIGITAL	
<a href="#">Natália Rodrigues Silva</a>	
<b>DOI 10.37572/EdArt_10131072015</b>	
<b>SOBRE AS ORGANIZADORAS</b> .....	<b>177</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>178</b>



## O DISCURSO NARRATIVO COMO RECURSO PARA OS SUJEITOS-ESTUDANTES DOS ANOS INICIAIS EXPRESSAREM SUA SUBJETIVIDADE

Data de submissão: 20/06/2020

Data de aceite: 20/07/2020

**Josiane Aparecida de Paula Bartholomeu**

GEPALLE – FFCLRP – USP

<http://lattes.cnpq.br/8430278682144975>

**Filomena Elaine Paiva Assolini**

GEPALLE – FFCLRP – USP

<http://lattes.cnpq.br/8106220335279097>

**RESUMO:** Neste artigo, apresentamos resultados de nossa pesquisa de mestrado, cujo objetivo foi investigar se estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental falavam de si, de seus sentimentos, emoções e desejos, por meio do discurso narrativo. O *corpus* foi constituído de narrativas escritas por estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental, colhidas por meio de uma atividade didático-pedagógica elaborada e aplicada pela pesquisadora. A pesquisa está ancorada nos pressupostos da Análise de Discurso pecheuxtiana, na Psicanálise freudo-laciana e na teoria sócio-histórica do Letramento. Os gestos interpretativos provenientes das análises das narrativas permitiram-nos assinalar as seguintes considerações: as atividades pedagógicas de leitura e escrita criativas e desafiadoras possibilitam aos estudantes atribuírem e produzirem sentidos, a partir

de sua memória discursiva e, dessa forma, emerge a autoria; o discurso narrativo escrito, em condições favoráveis de produção, é uma alternativa para que os estudantes “falem de si” e expressem sua subjetividade, condição basilar para que se façam escutar no contexto escolar e na sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso narrativo, escrita, subjetividade, Análise de Discurso, Psicanálise.

**ABSTRACT:** In this article, we present results of the master’s research whose objective is to investigate whether students from the early years of elementary school talk about themselves, their feelings, emotions and desires through narrative discourse. The *corpus* consists of narratives written by students in the 5th year of elementary school, collected through a didactic-pedagogical activity developed and applied by the researcher. The research is anchored in the assumptions of Pecheuxian Discourse Analysis, Freud-Lacanian Psychoanalysis and Socio-Historical Literacy theory. The interpretive gestures from the analysis of the narratives allow us to point out the following considerations: the creative and challenging pedagogical reading and writing activities enable students to attribute and produce meanings, from their discursive memory and, thus, authorship emerges; the

written narrative discourse, in favorable conditions of production, is an alternative for students to “talk about themselves” and express their subjectivity, a basic condition for them to be heard in the school context and in society.

**KEYWORD:** Narrative discourse, writing, subjectivity, Discourse analysis, Psychoanalysis

## 1 . INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo compreender o processo do falar de si incorporado à construção de narrativas produzidas no contexto escolar, tendo como alicerce os postulados da Análise de Discurso (AD) pecheuxtiana, dialogando com reflexões psicanalíticas, especificamente freudo-lacanianas.

A escola, imersa em uma sociedade que busca a homogeneidade, na qual o saber é institucionalizado e cerceado, não abre ou não consegue abrir/ permitir espaço para outras formas de conhecimento, deixando escapar a oportunidade de conhecer a subjetividade de seus alunos, saber sobre suas experiências, emoções, sentimentos e, com eles, movimentar-se por outras formações discursivas, proporcionando meios de criar e não apenas repetir o que julga importante. Nessa direção, a narrativa escrita que será analisada faz parte do *corpus* de pesquisa da dissertação de mestrado, cujo título é o mesmo deste capítulo. É importante ressaltar que tencionamos vislumbrar as possibilidades de as narrativas utilizadas em sala de aula serem portadoras de subjetividades de quem as constrói-escreve, rompendo com a visão legitimada e generalizada, a qual possibilita, somente, o treino da escrita e correção das normas ortográficas.

## 2 . PILAR DE SUSTENTAÇÃO DE NOSSOS DIZERES: ANÁLISE DE DISCURSO PECHEUXTIANA

A Análise de Discurso (AD) em que nos pautamos é resultante das inquietações do filósofo francês Michel Pêcheux acerca de três campos do conhecimento que pretendia articular: a linguística, o materialismo histórico e a psicanálise, sendo esta última evocada por meio da concepção de sujeito elaborado por Lacan. Para a AD, a linguagem não é transparente, mas opaca, aberta à possibilidade de vários sentidos, portanto, às várias maneiras de significar. Pensando nesse emaranhado de significações, vários estudiosos, além de Pêcheux, voltaram-se para a linguagem de uma maneira particular, observando seus outros fios. Assim, o interesse da AD é o discurso enquanto movimentação, como prática de linguagem. A linguagem enquanto discurso não se constitui em um campo de signos que é utilizado somente para comunicação ou para alicerçar o pensamento; a linguagem enquanto discurso

é interação, socialização, trabalho simbólico. O discurso é tomado como lugar de reflexão por ser um objeto teórico e não empírico, dentro da perspectiva discursiva. É definido não como transmissor de informações, mas como efeito de sentidos entre interlocutores (PÊCHEUX, 1997, p. 82).

A língua é percebida pela AD como um espaço de amplas significações, considerando a produção de sentidos por parte daqueles que a utilizam dentro de uma determinada sociedade. Em se tratando de produção de sentidos, deve-se levar em consideração a importância da historicidade do sujeito e, conseqüentemente, das condições de produção, atrelados à ideologia. Todo sentido emerge em um determinado lugar a partir de certo contexto que, por sua vez, é banhado por alguma ideologia. Dessa forma, a materialidade específica da ideologia é o discurso, e a materialidade específica do discurso é a língua. Nessa relação, como diz Pêcheux (1995), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua produz sentido. É no discurso, portanto, que podemos observar a relação entre língua e ideologia, compreendendo como a língua produz sentidos por/para os sujeitos (ORLANDI, 2000, p. 17), permitindo olhar para além do texto ou da frase, portadores “materiais” de vários sentidos. Para a AD, esses vários sentidos somente são possíveis porque há leitor(es) que é (são) atravessado(s) e constituído(s) por diferentes formações discursivas, sendo estas entrelaçadas à noção de ideologia, que corresponde a um domínio de saber e que regula o que pode e deve ser dito. Sendo assim, o discurso é um processo contínuo que não finda em uma determinada situação, mas aponta para outros fios que o sustentam, para outros que o atravessam. No discurso, não há início, tampouco ponto final: coisas foram ditas antes e outras poderão ser ditas depois... Há, portanto, incompletude, falta.

O sujeito em AD é responsável pela movimentação e pelas várias formas de significar, pela incompletude e pela falta. Não é centro do discurso, mas um efeito, resultado da interpelação do indivíduo pela ideologia; atravessado, constituído por vários dizeres e esquecimentos daquilo que o compõem. Descentrado, clivado, marcado pela exterioridade e pela historicidade, sua fala é produzida a partir de um determinado lugar e de um determinado tempo. Brandão (2004), nessa direção, afirma que ela é um recorte de representações históricas e de um espaço social, sendo, então, seu discurso situado nos discursos do outro, em outras palavras, é constituído e atravessado por outras formações discursivas.

O silêncio também é tomado como objeto de reflexão na AD, sendo necessário em nosso trabalho, pois nas narrativas há, na maioria das vezes, um dizer querendo indicar outro, um dizer silenciado, mas que, simultaneamente, diz muito. Silêncio, enquanto fundador, trata-se do princípio de toda significação, sendo a condição adequada para a produção de sentido. Estar em silêncio é estar no sentido, pois,

de certa forma, as palavras, em suas infinitas significações, transpiram silêncio (ORLANDI, 2007). Há o não-dito atrelado ao silêncio que lhe atribui um caráter de incompletude, ou seja, em todo dizer se esconde um não-dizer que foi silenciado, mas que significa. Destaquemos que o silêncio sobre o qual estamos versando não se refere à ausência de palavras, mas é o que há entre elas e que também as atravessa. O silêncio, então, é o que se esconde, mas que também se coloca com outras palavras (ORLANDI, 2007). Desse modo, iremos nos deter, agora, na seção que aborda a escrita. Ressaltemos que, na seção dedicada as análises discursivas, outros conceitos e definições poderão ser mobilizados.

### 3 . A VIDA BORDADA PELA ESCRITA

“Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta, continuarei a escrever.”

Clarice Lispector

Desde o início dos tempos, a humanidade utilizou uma variedade de símbolos gráficos e mnemônicos para armazenar informações. Foucault (1994), em “A escrita de si”, discorre sobre o papel da escrita na cultura filosófica de si na época anterior ao cristianismo e sua aproximação com os movimentos do pensamento, o papel de prova de verdade e na sua visão como uma arma do combate espiritual, exercitada ao modo do exame de consciência. Pautado nos estudos dos textos de Epicteto, Foucault (1994) afirma que a escrita era associada à meditação — ação que permitia voltar o pensamento para si, acionando a memória, reverberando o que se sabe e refletindo sobre eles, assimilando e se preparando para enfrentar o real.

A memória enunciada por Foucault está articulada à memória urdida pela AD que compõe a materialidade discursiva de forma única, possibilitando uma atualização frente a um acontecimento. É uma retomada, uma repetição que se atualiza quando acionada. Schons (2005, p. 140) nos ensina que escrever implica repetição, podendo ser entendida como retorno ao mesmo, mas pelo fato de aparecer em outro lugar e momento, torna-se uma prática única.

Dessa forma, o/no ato de escrever está implicado o trabalho da memória com o interdiscurso. Sendo acionado em outro momento, em outras condições de produção, pode reverberar outros efeitos de sentidos, dando à escrita outra roupagem, com possibilidade de ser pensada como “novidade” (SCHONS, 2005, p. 138 -140), ou seja, o texto escrito representa uma unidade aberta que pode ser dita diferentemente, sem perder sua “essência”. De acordo com Grigoletto (2006), a escrita está unida ao linguístico, ao histórico, ao social e ao ideológico, constituindo um espaço simbólico, local de interpretação, articulado à memória, e de construção de identidades.

Há mais um elemento a ser costurado à prática escrita, “o inconsciente, já que

certas marcas do sujeito desejante se inscrevem, de forma singular, no processo de escrita/ autoria de um texto” (AGUSTINI; GRIGOLETTO, 2008, p. 149). O Inconsciente que é entendido e, portanto, estruturado, de acordo com os postulados de Lacan (1998), enquanto linguagem (Agustini e Grigoletto, 2008, p. 149). É importante pontuarmos que a escrita, ao contrário do texto, não é um produto acabado, com começo, meio e fim, mas um processo que, à luz da AD, não tem ponto final, podendo ser retomada e receber reformulações, ou seja, algo que está sempre em movimento. Ela pode ser suspensa, pausada, mas sempre pode apresentar uma continuidade; em outras palavras, sendo a escrita elaborada por um sujeito da falta, é um processo de forma espiral, composto de retomadas, repetições e reelaborações.

É importante ressaltarmos que a escrita é uma das funções discursivas do sujeito, por meio da qual, segundo Indursky (2016), podemos capturar marcas da subjetividade de quem escreve, possibilitando a entrada no simbólico da discursividade em circulação. Entendemos a escrita como um furo novo em uma roupa remendada, que permite reviver fatos, visitar lugares, buscar ou esconder respostas, ressignificar, transformar, desmanchar costuras e fazer novas. Assim, escrever está alinhavado ao falar de si. Aproveitamos para trazeremos à discussão o discurso narrativo escrito, que em sua tessitura se faz presente o texto na sua pretensa completude, a escrita e suas possibilidades infinitas de se fazer e de se deixar ser e as narrativas, as quais colaboram para que toda a (pre)tensão de quem elabora se materialize, mesmo que com outra roupagem.

#### 4 . DISCURSO NARRATIVO: MATERIALIZAÇÃO DA SUBJETIVIDADE

Para a teoria sócio-histórica do Letramento (TFOUNI, 2005), a função da narrativa é organizar, por meio da linguagem, as interações, conhecimentos e experiências sobre o (no) mundo, ou seja, um local de subjetivação, que se instala por meio de mecanismos linguísticos discursivos. Tfouni (2005) define subjetividade como a forma em que o sujeito organiza sua simbolização particular. Assolini (1999) complementa, afirmando que é por meio da narrativa que se torna possível a (re) organização e (re)elaboração de nossas experiências pessoais. Nessa perspectiva, a narrativa é um instrumento que dá abertura ao novo, à criação e à (re)elaboração, segundo Orlandi (2003), permitindo o acesso ao *discurso lúdico* (permite troca entre os locutores), discurso este que, segundo a pesquisadora, faz parte de um grupo de tipologias discursivas: o *discurso polêmico* e o *discurso autoritário*, que estão voltados para fins práticos e objetivos, sendo valorizados pela sociedade que visa ao uso eficiente da linguagem. Como consequência, observa-se que em relação ao uso lúdico do discurso nas interações é reservado um espaço pequeno. um espaço pequeno para Assim posto, percebemos um contraste entre o discurso lúdico, o

polêmico e o autoritário, pelo fato de o *discurso lúdico* dar abertura e possibilidade ao imaginável, ao uso da linguagem pelo prazer nas práticas sociais.

O discurso narrativo contemplado neste trabalho está dentro da tipologia estabelecida por Orlandi (2003), que classifica o discurso narrativo como lúdico, lugar em que o dizer não busca ser obsessivamente transparente, o que o torna aberto a uma multiplicidade de sentidos. Essa abertura propicia e exige uma atividade interpretativa intensa por parte do interlocutor, o que torna o discurso narrativo também aberto à dialogia, ou seja, exige sempre a inclusão do Outro. Carreira (2002) afirma que narramos para um outro (interlocutor); no caso do discurso narrativo, para um narratário. Porém, segundo a psicanálise, além do “eu” que narra e do “tu” que escuta, há um Outro lugar, o da linguagem, onde o sujeito faz ouvir sua própria mensagem. Esse lugar é chamado de “lugar da verdade” (SAFOUAN, 1993), que pode vir acompanhado da ficção. No contexto de uma narrativa, ela vem no lugar de um fato, atribuindo-lhe sentido, que pode ser verdadeiro ou ficcional. Assim, segundo a pesquisadora, há verdades nas narrativas de ficção, uma realidade fantástica, uma realidade na ficção. Essa realidade na ficção remete à sua realidade psíquica, aos seus desejos e angústias, à sua verdade velada, escondida, silenciada. É importante ressaltar que a “verdade”, sobre a qual estamos nos reportando, é aquela que queremos contar, mas que escondemos por algum motivo, silenciamos.

Em se tratando de narrativas infantis, podemos encontrar tanto fato como ficção, pois elas misturam elementos de suas vidas fazendo, com isso, preenchimentos imaginários de buracos de sentidos.

Se observarmos como as narrativas infantis, objeto de nossos estudos, vêm sendo abordadas, notaremos um apagamento do sujeito, em sua singularidade, uma falta de oportunidade para que seja considerado o que emerge entre os significantes (CARREIRA, 2002), em prol da adequação a uma estrutura legitimada e sem criatividade, de cumprimento de um currículo que nega/ apaga o sujeito e, então, lhe é negada a possibilidade de ocupar o lugar de intérprete-historicizado (ASSOLINI, 2013), ou seja, falar de um lugar que permita se desvincular, se deslocar dos processos parafrásticos e das regiões de sentido naturalizadas e legitimadas pela instituição escolar. Destarte, dentro do arcabouço teórico da AD, dos fios da psicanálise freudolacaniana e nas contribuições das ciências da educação, debruça(re)mo-nos sobre questões relativas à utilização do discurso narrativo pelos sujeitos—estudantes para falarem de si, analisando “como e por que” o utilizam escolhendo certas palavras e não outras para materializar aquilo que têm de mais secreto.

## 5 . METODOLOGIA, CORPUS E ANÁLISE

Nosso *corpus* é composto por narrativas escritas que foram colhidas após uma atividade didático-pedagógica desenvolvida em uma sala do 5º ano do Ensino Fundamental, que envolvia o livro *Os três lobinhos e o porco mau*, escrito por Eugene Trivisas. Iniciamos a atividade com a apresentação do livro pela capa com o título oculto que, pelo número de lobos e pelo porco, desestabiliza o sentido que já está posto, abrindo oportunidade para o novo, para a observação mais atenta e para outros e novos sentidos. Depois de discussões, foi solicitado que elaborassem uma narrativa. Após análises das narrativas foram selecionados *recortes*, que são entendidos “(...) como fragmento correlacionado de linguagem - e - situação” (ORLANDI, 2003, p.139). Tendo como fundamento os objetivos deste trabalho, detivemo-nos nas sequências discursivas de referência (SDR), concebidas por Courtine (2009, p. 25) (...) “como sequências orais ou escritas de dimensão superior à frase”. Buscamos nas SDR indícios (GINZBURG, 1989) linguísticos - discursivos que revelem as amarras entre o sujeito e a linguagem no texto. Tendo em vista as limitações deste trabalho, selecionamos uma narrativa para análise.

Narrativa 2 – Sujeito Estudante (SE) (11 anos, menina):

### A gata e o seu **proconceito**

Uma bela tarde, uma **gata branca de olhos azul**, ia passeando pelo parque seu nome era “Nina”. Ela adorava o cheiro das flores, do ar, das árvores, etc mais **ela tinha uma coisa ruim, ela não gostava de gatos negros**. No outro dia, Nina voltou para o parque quando chegou lá, **se-deparou com uma gata negra, logo foi chamar suas amigas, Nina e suas amigas falaram para a coitada:**

\_ Sai daqui logo carvão! Esse é o nosso parque!

**A gata saiu correndo chorando, todo dia era assim coitada.**

No terceiro dia, Nina brigou com suas amigas e foi correndo para o parque, e a **gata negra estava lá sozinha**, Nina se aproximou da gata e falou:

\_Oii!

**Respondiu a gata:**

\_Oii porque você esta falando comigo? **Você me chamava de carvão!**

\_ Me desculpa \_ Disse Nina

Respondeu a gata:

**Sim desculpo** mais não me chama mais de “carvão”.

Falou Nina:

\_Ok

As duas brincaram o dia inteiro, e Nina viu o quanto a gata era legal e simpática.

**Moram: Nunca julgue um livro pela capa.**

Quando SE nomeia sua narrativa de “**A gata e o seu pro(e)conceito**”, logo nos

faz refletir sobre os parâmetros de beleza impostos pela sociedade e o reflexo destes na vida dos sujeitos-estudantes que, como sabemos, são seres em formação, tanto em relação à construção de valores e princípios quanto no que concerne ao modo como aplicarão tais valores e princípios em suas vidas. A palavra *gata*, empregada pelo SE, não tem relação com o felino, mas com “mulher atraente” (HOUAISS, 2009), no sentido dos moldes impostos e legitimados socialmente. Quando a palavra *gata* vem acompanhada do substantivo “pro(e)conceito”, remonta à ideia de conceitos padronizados de beleza impostos por diversos meios midiáticos, como revistas e jornais, em relação aos quais, caso o sujeito não se encaixe, logo é excluído, taxado e evitado. Importante ressaltar que tais moldes não são perpétuos, eles se transformam, metamorfoseiam-se, (re)constroem-se, acompanhando a movência e os desejos da sociedade. Tais indícios retornam e se reafirmam na sequência “***gata branca de olhos azul***”, o que denota que esse sujeito, por estar vinculado a uma formação discursiva na qual acredita haver padrões de beleza instituídos, reproduz valores em que tal conceito reverbera e impera, principalmente no que tange ao tom da pele e na cor dos olhos.

Quando avançamos na análise da narrativa, e atentamo-nos às sequências “*ela tinha uma coisa ruim, ela não gostava de gatos negros...; se-deparou com uma gata negra, logo foi chamar suas amigas, Nina e suas amigas falaram para a coitada: Sai daqui logo carrvão; todo dia era assim coitada. gata negra estava lá sozinha*”, percebemos que o que está nas estrelinhas da narrativa vai/está além da discussão sobre estereótipos de beleza; estamos diante de uma problemática cujo cerne está nas raízes da história da humanidade e que tem relação direta com os valores e princípios propagados, legitimados e cristalizados pela sociedade: o racismo. A narrativa do SE descostura o véu e descortina uma realidade pouco observada (porque maquiada), desconstruindo a tese de que o Brasil é um paraíso racial e que, portanto, não há discriminação. Ressalta-se que racismo tem ligação com padrões de beleza, uma vez que beleza não se resume apenas ao que é belo, mas à qualidade do ser ou da coisa que suscita admiração e um sentimento de adesão por seu valor moral ou intelectual (HOUAISS, 2009); nesse contexto, historicamente, ser negro é o mesmo de não ter qualidades ou acesso a algumas repartições da sociedade. Racismo, segundo o dicionário eletrônico Houaiss (2009), significa:

a) conjunto de teorias e crenças que estabelecem uma hierarquia entre as raças, entre as etnias; b) doutrina ou sistema político fundado sobre o direito de uma raça (considerada pura e superior) de dominar as outras; c) preconceito extremado contra indivíduos pertencentes a uma raça ou etnia diferente, considerada inferior.

Com isso, entendemos o racismo como um ato extremado, destituído de respeito, pois o que define o ser humano não é a tonalidade da pele, mas as atitudes e posicionamentos tomados com/em relação ao outro.



Não obstante, juntamente com o ato racista, temos outra problemática que, em um primeiro momento, pode-se pensar contemporâneo, mas se trata de uma prática que existe e resiste há muitos anos, qual seja, o *bullying*, que, de acordo com Lopes (2005), compreende todas as atitudes agressivas repetidas intencionalmente, que ocorrem sem motivação, adotadas por um ou mais estudante contra outro(s), causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder.

Trata-se de comportamentos agressivos que ocorrem tanto dentro como fora da escola e que são considerados, na maior parte, comuns, corriqueiros sendo ignorados ou não valorizados pelos professores e, também, pelos pais (LOPES, 2005). O SE (d)enuncia/anuncia, por meio da escrita, da ficção e da metáfora, que é vítima de *bullying* e, paralelamente, de racismo, como podemos perceber nas seguintes sequências: *“ela não gostava de gatos negros. Sai daqui logo carrvão; todo dia era assim coitada; Você me chamava de carvão; Sim desculpo mais não me chama mais de “carvão”*. Nessa direção, remetemo-nos aos ensinamentos de Eckert-Hoff (2008) vislumbrando a instância enunciativa, isto é, no momento em que o sujeito fala de si, mesmo sendo por meio da escrita, recupera exatamente tudo o que está encarnado, entrecruzado, num jogo de (re)construção em que o dizer funciona como se fosse uma isca que o enunciador coloca em cena.

Nesse retorno a si, o SE encena, fantasia um outro lugar, possível e desejável no qual mesclam-se outras vozes, dando abertura a várias histórias já vividas, possibilitadas pelos fios da memória discursiva, já que remontar à própria história por meio de uma narrativa é dar a conhecer o que está dentro de si, a verdade do sujeito que ele não sabe, como o retorno do reprimido na vida real. Ao enunciar, o sujeito coloca-se em cena e (inconscientemente) encena um espaço para se dizer. Esse espaço certamente lhe dá a ilusão de completude, de inteireza, de controle.

Os lapsos de escrita também aparecem na narrativa do SE nos seguintes segmentos: *“carrvão”* e *“Respondiu”*. No que tange à repetição da letra R na palavra carvão, assim como a repetição da palavra no corpo da narrativa, podemos considerar um lapso de escrita, um ato falho, que são acontecimentos dotados de sentido e intenção (FREUD, 2014), indicando uma relutância em escrever e uma impaciência desejosa de terminar a frase cujo conteúdo causa angústia. Na palavra *Respond(i)u*, que podemos considerar um ato falho, um lapso, o SE deixa reverberar, aparecer, escapar o desejo do sujeito que escreve e que costura a trama.

Observamos, assim, um alinhavar de várias histórias em uma única, sem que as costuras apareçam ou que as emendas reverberem a materialidade da história do sujeito, que pode sempre vir a ser outra e outras. As condições de produção em que se tece a escritura, a função da relação simbólico/imaginário e as histórias que atravessam o sujeito são responsáveis pela instabilidade e pela heterogeneidade de sentidos.

Pensando nessas várias maneiras de significar, nos sentidos que circulam na sociedade e, mais ainda, nos sentidos legitimados por determinadas formações sociais – que tomam vida nas Formação Discursiva – e não por outras, tomemos a reflexão, a compreensão do uso da metáfora na narrativa. O SE pauta-se na metáfora para falar de si na narrativa escrita, materializando, assim, a subjetividade. Como bem diz Patti (2013, p. 49-50):

A metáfora possibilita [...] que o sujeito fale de si sem perceber – ou percebendo - que está falando de si, utilizando-se de um enredo que pode variar da fantasia às identificações com discursos alheios, como podemos observar a escolha de determinados contos de fadas (e não outros...) por um sujeito, [...] algum personagem, alguma história, que tem a ver com ele, mas que ele talvez não perceba.

A sequência no início da narrativa “*Uma bela tarde*”, assim como a que finaliza a narrativa “*Moram: Nunca julgue um livro pela capa.*” sinalizam que SE traz resquícios de leituras anteriores, as quais fazem parte de sua memória discursiva, tornando possível, assim, a materialização da narrativa em evidência. Destaquemos que SE finaliza com uma moral, o que indica que fábulas, escolhidas como suporte da narrativa, com moral que ensinam valores, permeiam sua memória e se fazem presentes “regulando” seus posicionamentos.

Importante destacarmos que este sujeito pontuou muito bem seu texto, tentando ilusoriamente conter e ou controlar os sentidos no outro. Ademais, temos um texto com começo, meio e fim, com coesão e, portanto, marcado pela autoria.

Dessarte, essa narrativa mostra que, para ser possível falar de conflitos, traumas e experiências desagradáveis, é necessário, muitas vezes, que o sujeito desloque-se, movimente-se para uma outra posição discursiva, ou seja, a narrativa torna possível que o sujeito fale de si de maneira disfarçada; prestou-se para o SE como suporte, no qual fez advir por meio da metáfora, da(s) escolha(s) das palavra(s)-máscara(s), do silenciamento, a subjetividade. Escreveu sobre o que lhe causa angústia e como sonha em cessá-la. Nessa reflexão, a escrita e, dessa forma, a subjetividade, parafraseando Brandão (2006), é como barro moldável, sempre em processo, mas também como cristal ressonante. O cristal das palavras é uma metáfora freudiana para dizer que a linguagem, como o cristal, tem uma estrutura também reveladora do sujeito.

## 6. ARREMATAR A COSTURA: PROPONDO UM EFEITO-FIM

Sem a ilusão de dar este trabalho por finalizado, arrematamos – sem nó na ponta, pois há fios que sempre escapam – com algumas considerações parciais, posto que este trabalho é um fragmento de outro mais extenso.

Analisando a narrativa, percebemos que o SE se utiliza desse recurso para falar

de si. Foucault (1994) afirma que o falar de si vai de encontro a uma escrita constante, é algo sobre o qual há assunto a escrever. O escrever sobre si não é uma atividade contemporânea, é antiga, enraizada na humanidade, que produz memória, mas que a escola, enquanto AIE (Aparelho Ideológico do Estado) (ALTHUSSER, 2012), não reconhece, optando pela reprodução do já-dito, do já-posto, fazendo com que os estudantes, na maioria das vezes, escrevam, falem e desenhem, (re)produzindo, enfim, aquilo que esperam deles, naquela instituição, sem questionar, sem duvidar do sentido único. Segundo Assolini (1999), muitos professores estão tão colados ao discurso pedagógico escolar tradicional (DPE), que muitas vezes não conseguem realizar ou criar outro tipo de atividade em sala de aula que não sejam as propostas pelo livro didático, o qual, na maioria das vezes, é o único instrumento de trabalho utilizado em sala de aula, aquele que norteia e que traz o sentido pronto, correto, legitimado, que deve ser repetido e respeitado.

Os indícios do falar de si foram percebidos por meio de pistas inconscientes deixadas na narrativa: os lapsos na escrita, equívocos, entrada súbita do sujeito do inconsciente nas fissuras do texto, deixando aparente o desejo interdito. Pelo viés da AD, um ato falho, um equívoco é a marca de que o sentido se constitui historicamente e põe em movimento uma rede de filiações que subsiste mesmo da escolha de um significante. Dessa maneira, ao falar isso ou aquilo (significante que rejeitou), deixa ecoar como equívoco que se desvela para o sujeito.

Parafraseando Carreira (2002), o discurso narrativo vem sendo utilizado, abordado como “instrumento” que deve se adequar a uma estrutura formal rígida, linear e pouco criativa, caso contrário, constata-se um déficit intelectual, cognitivo. As crianças são treinadas para “vomitem” histórias bem organizadas e de fácil compreensão adulta para ganhar audiência. Não há espaços para enigmas, de modo que o sujeito lide com eles e se implique com seu próprio desejo (CARREIRA, 2002, p. 21).

Nesse sentido, podemos conceber a narrativa escrita como possível mecanismo de revelação (consciente e inconsciente) do sujeito, uma produção discursiva singular em que o escritor se inscreve e (re)escreve, em um processo que não finda, pois há sempre um resto, um por dizer. Brandão (2006, p. 39), assim como a AD, ensina-nos que é impossível dizer de começos, de origem, já que o campo literário, que pertence ao da linguagem, abre-se em rede, quando as vozes se entrecruzam e se atravessam. As vozes são múltiplas. Parece-nos que os desejos dos alunos são os últimos a serem escutados, se é que em algum momento isso ocorre... A parte de fora dos muros escolares parece ser sua morada.

## REFERÊNCIAS

- AGUSTINI, C.L.H.; GRIGOLETTO, E. **Escrita, alteridade e autoria em Análise do Discurso**. *Matraga*, Rio de Janeiro, v.15, n.22, p.145-156. Jan/Jun, 2008.
- ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de estado: notas sobre os aparelhos ideológicos de estado**. 12ª reimpressão. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2012.
- ASSOLINI, F.E.P. O discurso lúdico na sala de aula: letramento, autoria e subjetividade. ASSOLINI, F.E.P.; LASTÓRIA, A.C. **Diferentes Linguagens no Ensino Fundamental**. 1. ed. Florianópolis: Editora Insular, 2013.
- \_\_\_\_\_, F.E.P. **Pedagogia da leitura parafrástica**. Dissertação de mestrado. USP: Ribeirão Preto, SP: 1999.
- BRANDÃO, R. S. **A vida escrita**. 1 ed. Rio de Janeiro: 7 letras, 2006.
- BRANDÃO, H. H. N. **Introdução a análise do discurso**. 2. Ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.
- CARREIRA, A. F. **Contando minha história**. São Paulo: Pancast, 2002.
- COURTINE, J.J. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EduFSCar, 2009.
- ECKERT-HOFF, B. M. **Escritura de si e identidade: o sujeito-professor em formação**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2008.
- FOUCAULT, M. **A escrita de si. Ética, sexualidade e política**. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1994.
- FREUD, S. **Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917)**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014
- GINZBURG, C. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GRIGOLETTO, E. **A construção da identidade na escrita de si: do ambiente universitário à internet**. In: *Revista Desenredo*. v. 2 n. 2. Passo Fundo, RS: UPF Editora, julho/ dezembro 2006, p. 203-223.
- HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- INDURSKY, F. **As determinações da prática discursiva escrita**. In: *Revista Desenredo*. v. 12 n. 1. Passo Fundo, RS: UPF Editora, janeiro/ junho 2016, p. 30-47.
- LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LOPES NETO, A. A. **Bullying: comportamento agressivo entre estudantes**. *Jornal de Pediatria*. v. 81, n. 5, p. 164-172, 2005.
- ORLANDI, E.P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4. ed. Campinas: Pontes, 2003.
- \_\_\_\_\_, E.P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6. ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007.

\_\_\_\_\_, E.P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2000.

PATTI, E. A. R. **A saúde na educação é possível? Uma proposta interdisciplinar**. 2. ed. Franca: Ribeirão Gráfica e Editora, 2013.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução Eni Pucinelli Orlandi. 3. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1995.

\_\_\_\_\_, M. **Por uma análise automática do discurso**. In: GADET, F e HAK, T. *Por uma análise automática do discurso*. 3. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

SAFOUAN, M. **A palavra ou a morte: como é possível uma sociedade humana?** Campinas: Papyrus, 1993.

SCHONS, C.R. Escrita, efeito de memória e produção de sentidos. In: SHONS, C.R. e RÖSING, T.M.K. (Org.) **Questões de escrita**. Passo Fundo: UPF, 2005.

TFOUNI, L.V. **Letramento e autoria – uma proposta para contornar a dicotomia oral e escrita**. In: *Revista da ANPOLL*: publicada pela associação de pós-graduação e pesquisa em Letras e Linguística, Campinas, 2005.

## **SOBRE AS ORGANIZADORAS**

**Mauriceia Silva de Paula Vieira** - Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação e na pós-graduação. Possui experiência docente na educação básica, na formação continuada de professores alfabetizadores e de professores de língua portuguesa. Suas pesquisas se inserem nas seguintes áreas: ensino de língua portuguesa; leitura e práticas de letramentos; letramento digital e uso de tecnologias; análise linguística/semiótica em perspectiva funcionalista.

**Patricia Vasconcelos Almeida** - Pós doutora em Linguagem e Tecnologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação em Letras e na pós-graduação nos programas de Educação (mestrado profissional) e de Letras (mestrado acadêmico). Líder do Grupo de Pesquisa CNPq - Tecnologias e Práticas Digitais no ensino-aprendizagem de línguas. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Inglesa, atuando principalmente nos seguintes temas: Formação de professores, ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras mediado pelas tecnologias digitais, tecnologia educacional, ambientes virtuais de aprendizagem.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

A cartomante 39, 46, 47, 48

Análise de Discurso 105, 106, 107, 118, 131, 138, 143, 148, 164, 175

Anúncio 8, 92, 93, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104

Aspectos Estilísticos 70, 79

### B

Bibliotecas Comunitárias 13, 14, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23

Bibliotecas digitais 9, 164, 165, 166, 167, 171, 172, 173, 174, 176

### C

Cinema 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 61

Círculo de leitura 18, 19

Comunidade Surda 8, 119, 120, 121, 125, 128, 129, 137

### D

Dialógico 60, 65

Direito de Expressão 152, 159

Ditadura militar 21, 24, 25, 26, 28, 30, 34, 35, 38, 62

Drama moderno 60, 61, 64, 65, 68, 69

### E

Escrita 6, 7, 8, 1, 3, 4, 5, 9, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 22, 37, 41, 43, 45, 54, 62, 66, 70, 73, 76, 77, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 93, 98, 106, 107, 109, 110, 114, 115, 116, 117, 118, 124, 125, 127, 167, 175

Escrita e oralidade 82, 83

Estética 7, 37, 38, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 64, 80, 130

Etiqueta 8, 152, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162

### F

Feminismo 139, 141, 142, 143, 148, 150

### G

Gênero 8, 41, 42, 57, 64, 81, 91, 92, 96, 97, 99, 101, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 148, 151

### I

Implicações pedagógicas 82, 83, 85

Inclusão escolar 8, 128, 131

## L

Leitura e escrita 1, 3, 5, 9, 14, 15, 22, 76, 106

Libras 119, 120, 121, 122, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 132, 136, 137

Língua Portuguesa 8, 9, 40, 71, 72, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 87, 91, 117, 119, 120, 122, 125, 126, 130, 177

Lúdico 5, 6, 12, 110, 111, 117, 147

## M

Memória 20, 24, 26, 30, 33, 34, 35, 37, 38, 49, 51, 80, 106, 109, 114, 115, 116, 118, 141, 144, 147, 149, 158, 166, 175

Mulheres Indígenas 8, 152, 153, 154, 159, 160, 161, 162, 163

Multimodalidade 92, 93, 94, 96, 97, 100, 104, 105

## N

Narração 24, 26, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 55, 56

Narrativa musical 39, 40, 45

## O

Opera 39, 40, 156

## P

Prática de Ensino 8, 119, 122, 126

Práticas de leitura 6, 5, 13, 14, 15, 18, 19, 22

Produção Textual 70, 71, 72, 73, 76, 78, 90, 91, 130

Psicanálise 106, 107, 111, 117, 132

Publicidade 52, 55, 92

## R

Resistência 6, 7, 13, 21, 22, 28, 49, 51, 53, 54, 56, 58, 135, 139, 140, 144, 147, 148, 149

## S

Subjetividade 8, 24, 33, 37, 49, 51, 67, 106, 107, 110, 115, 117, 139, 149, 155, 156

Surdo 8, 120, 126, 127, 128, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138

## T

Tragédia 36, 41, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 77

Transexualidade 139, 145, 146





**EDITORIA  
ARTEMIS  
2020**